

Plano de Gestão Florestal

Baldio de Alge e Lugares Anexos



Concelho de Figueiró dos Vinhos

Duração do PGF: 20 Anos

Este plano é composto:

- Documento de Avaliação
- Modelo de Exploração
- Anexo

A veracidade da informação incluída no Documento de Avaliação é assegurada por um Termo de Responsabilidade, em anexo a este Plano de Gestão Florestal e que dele faz parte integrante.

Índice

A – Documento de Avaliação	5
1 – Enquadramento Social e Territorial	6
1.1 – Caracterização do proprietário e da gestão	6
1.1.1 – Proprietário	6
1.1.2 – Entidade responsável pela gestão	6
1.1.3 – Técnico responsável pela elaboração do PGF	6
1.2 – Caracterização geográfica	7
1.2.1 – Identificação e inserção administrativa da exploração florestal	7
1.2.2 – Localização e acessibilidade da exploração florestal	7
2 – Caracterização Biofísica da Propriedade	7
2.1 – Relevo, Exposição e Altimetria	7
2.2 – Clima	8
2.3 – Solos	8
2.4 – Fauna, flora e habitas	8
2.4.1 – Fauna	8
2.4.2 – Espécies arbóreas e arbustivas	9
2.4.3 – Séries de vegetação	9
2.5 – Pragas, doenças e infestantes	9
2.6 – Incêndios Florestais, cheias e outros riscos naturais	10
3 – Regimes legais específicos	11
3.1 – Condicionantes e restrições de utilidade pública	11
3.2 – Instrumentos de planeamento florestal	11
3.3 – Instrumentos de gestão territorial	12
3.4 – Outro ónus relevantes para a gestão	12
3.4.1 – Regime cinegético	12
3.4.2 – Contratos de arrendamento	13
4 – Caracterização dos recursos	13
4.1 – Infraestruturas florestais	13
4.1.1 – Rede viária florestal e aceiros	13
4.1.2 – Infraestruturas de Defesa da Floresta Contra Incêndios (DFCI)	14
4.1.3 – Infraestruturas de apoio ao recreio e turismo	14
4.2 – Caracterização socioeconómica da propriedade	14
4.2.1 – Produção	15
4.2.2 – Proteção	15
4.2.3 – Silvopastorícia e caça	16
4.3 – Evolução histórica da gestão	16
B – Modelo de Exploração	18
1 – Adequação ao PROF	19
1.1 – Contribuição para os objetivos gerais do PROF	19
1.2 – Contribuição para os objetivos específicos da SRH do PROF	19
2 – Caracterização e objetivos da exploração	20

2.1 – Caracterização dos Recursos	20
2.2 – Compartimentação da propriedade e delimitação das parcelas	20
2.3 – Componente Florestal	22
2.3.1 – Caracterização das Espécies Florestais, Habitats e Povoamentos	22
2.3.2 – Caracterização de Povoamentos	24
2.4 – Componente Silvopastoril	27
2.5 – Componente cinegética, aquícola e apícola	27
3 – Organização da gestão e zonamento funcional	27
4 – Programas Operacionais.....	29
4.1 – Programa de gestão da produção lenhosa	29
4.2 – Programa de gestão da biodiversidade	31
4.3 – Programa de Infraestruturas	38
4.4 – Programa de Operações Silvícolas Mínimas	38
C – Calendário de Operações.....	40
D – Anexos	54

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Identificação matricial	7
Tabela 2 – Ocorrências de Incêndios Florestais	10
Tabela 3 – Risco espacial de incêndio	10
Tabela 4 – Condicionantes e restrições de utilidade pública (Anexo VI)	11
Tabela 5 – Infraestruturas de defesa da floresta contra incêndios	14
Tabela 6 – Funções principais e subfunções	14
Tabela 7 – Contribuição do PGF para as metas da SRH	20
Tabela 8 – Ocupação do solo	21
Tabela 9 – Caracterização florestal das parcelas /Função	22
Tabela 10 – Caracterização dos espaços florestais	24
Tabela 11 – Zonamento Funcional	27
Tabela 12– Programa de gestão da produção lenhosa	29
Tabela 13 – Objetivos específicos para a gestão da biodiversidade	32
Tabela 14 – Programa de gestão da biodiversidade	38
Tabela 15 – Programa de intervenção em infraestruturas	38
Tabela 16 – Programas de Operações Silvícolas Mínimas	39

D – Anexos

Anexo I – Termo de responsabilidade

Anexo II – Carta de Localização

Anexo III – Carta de Historial de Incêndios

Anexo IV – Carta de Risco de Incêndio

Anexo V – Carta de Perigosidade de Incêndio

Anexo VI – Carta de Condicionantes

Anexo VII – Carta de Enquadramento PROF

Anexo VIII – Carta de Infraestruturas

Anexo IX – Carta de Infraestruturas de DFCI

Anexo X – Carta de Ocupação do Solo

Anexo XI – Carta de Ordenamento

A – Documento de Avaliação

1 – Enquadramento Social e Territorial

1.1 – Caracterização do proprietário e da gestão

1.1.1 – Proprietário

A área objeto deste plano de gestão florestal (PGF) é composta por espaços florestais que constituem a Unidade de Baldio de Alge e Lugares Anexos, situada na freguesia de Campelo, no concelho de Figueiró dos Vinhos.

A unidade de Baldio, insere-se em três perímetros florestais:

- Perímetro Floretal da Serra da Lousã;
- Perímetro Floretal de Castanheira de Pêra;
- Perímetro Floretal de Alge e Penela;

Estas áreas são geridas em co-gestão, entre a Comissão de Compartes dos Baldios de Alge e Lugares Anexos.

De acordo com a Lei dos Baldios - Lei nº. 68/93, de 4 de Setembro - os baldios são terrenos possuídos e geridos por comunidades locais, que, seguindo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio.

1.1.2 – Entidade responsável pela gestão

Comissão de Compartes dos Baldios de Alge e Lugares Anexos

Alge

3260-201 Campelo

Telemóvel: Bruno Braz – 965 227 158/ Carlos Santos – 915 804 299

Email: a.compartesalgeoutros@gmail.com/ bjrbraz@gmail.com

1.1.3 – Técnico responsável pela elaboração do PGF

Eng. Técnico Bernardo Espinho

Floponor, S.A.

Rio de Mel;

6420 – 552 Trancoso;

Tel.: 271 813 324

Fax.: 271 813 323

Email: geral@floponor.pt

1.2 – Caracterização geográfica

1.2.1 – Identificação e inserção administrativa da exploração florestal

A unidade de baldio situa-se na Freguesias de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos, distrito de Leiria.

Nome do Prédio	Distrito	Concelho	Freguesia
Baldios de Alge	Leiria	Figueiró dos Vinhos	Campelo

Tabela 1 – Identificação administrativa

1.2.2 – Localização e acessibilidade da exploração florestal

Os baldios de Alge, enquadram-se administrativamente na Freguesias de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos.

A nível espacial, enquadra-se entre as seguintes coordenadas limítrofes das folhas da carta militar n.º 252 e 264 (Anexo II):

- Coordenada Limítrofe Norte: 44316,031100 m
- Coordenada Limítrofe Sul: 37204,560700 m
- Coordenada Limítrofe Este: -6539,940000 m
- Coordenada Limítrofe Oeste: -14077,382600 m

O acesso à unidade de baldio, pode ser feita através das localidades de Alge e Ribeira da Velha, situadas nas coordenadas geográficas 40° 1'15.62"N/ 8°15'48.09"W e 40° 0'4.51"N/ 8°15'10.20"W, respetivamente. Chegados aos locais indicados, a visita ao terreno deverá ser realizada com apoio a cartografia analógica ou outros instrumentos de apoio à navegação.

A rede viária, desde que mantida em bom estado de conservação, permite a chegada a qualquer parte do baldio.

2 – Caracterização Biofísica da Propriedade

2.1 – Relevo, Exposição e Altimetria

A unidade de baldio, caracteriza-se por relevo bastante acidentado, com zonas de montanha bastante declivosas com algumas zonas de vales encaixados, desta forma verifica-se uma grande variabilidade das exposições. As áreas comunitárias a noroeste de Alge, tem exposição predominante a sudoeste, enquanto as áreas situadas a norte

de Ribeira Velha, apresentam exposição a noroeste.

Em termos altitudinais, as cotas variam entre os 1010 metros e os 500 metros.

2.2 – Clima

Segundo a classificação de Köppen o clima nesta região é do tipo Csb, clima temperado (mesotérmico) com o Inverno chuvoso e Verão seco e pouco quente.

De acordo com a classificação do Atlas do Ambiente, a área do PGF, apresenta as seguintes características climáticas:

- Temperatura Média Anual – 7,5-10,0 °C/ 10,0-12,5 °C
- Humidade Relativa do Ar – 65-70 %/ 70-75 %
- Precipitação Total – 1400-1600 mm
- Dias de Precipitação – >100 dias
- Dias de Geadas – 10-20 dias/ 20-30 dias

2.3 – Solos

Na unidade de gestão predominam solos do tipo cambissolos húmicos. Quanto ao pH do solo, caracteriza-se por ser predominantemente ácidos (4,6-5,5).

2.4 – Fauna, flora e habitats

2.4.1 – Fauna

A diversidade de habitats, onde se destaca os ribeiros de montanha, pastagens naturais e bosques mistos, contribuem para a ocorrência de uma variabilidade de espécies animais residentes na unidade de baldio. Neste local podem ser observadas as seguintes exemplares faunísticos:

Aves

Melro-d'água, dom-fafe, petinha dos campos, açor, gavião, águia-de-asa-redonda, corujas, mochos, peneireiros-de-dorso-malhado.

Mamíferos

Doninha, gineto, raposa, lontra, coelho, lebre, javali, corso, veado.

Anfíbios

Salamandra lusitânica, rã, rela, trintão.

Répteis

Cobra-bastarda, cágado, lagartixa, sardanisca, osga, víbora-cornuda, lagarto-de-água.

2.4.2 – Espécies arbóreas e arbustivas

A interferência do homem sobre a paisagem afasta o coberto vegetal do seu clímax natural.

No que respeita à vegetação autóctone, o coberto vegetal é tipicamente mediterrâneo onde encontramos o carvalho português, sobreiro, medronheiro e plantas odoríferas.

Pela ação do homem e numa ótica produtiva, foram introduzidas outras espécies como o pinheiro bravo, pinheiro silvestre, pinheiro negro, acácia, mimosa, cedro do Buçaco, abetos, cedros do Atlas, eucalipto e folhosas diversas.

A vegetação arbustiva, caracteriza-se pela presença de urzais, carquejais, tojais e giestais.

2.4.3 – Séries de vegetação

Enquadramento da área do PGF de acordo com a carta biogeográfica de Portugal:

Região - Mediterrânica

Sub-região - Mediterrânica-Occidental

Superprovíncia - Mediterrânica Ibero-Atlântica

Província – Carpetano-Ibérico-Leonesa

Sector - Estrelense

O sector Estrelense, distribui-se pelos andares supratemperado a orotemperado de ombroclima hiper-húmido, onde predominam as serras graníticas. De entre as comunidades vegetais mais importantes que caracterizam a paisagem da Serra da Estrela, destaca-se o zimbral, os giestais, os caldoneirais, o urzal, o tojal-urzal e o arrelvado perene e anual.

2.5 – Pragas, doenças e infestantes

De acordo com informação geográfica do ICNF, o baldio de Alge, enquadra-se numa freguesia classificada como Local de Intervenção (LI), onde é conhecida a presença do Nemátodo da Madeira do Pinheiro (NMP), ou reconhecido o risco de dispersão e seu estabelecimento, pelo ICNF.

Após visita de diagnóstico da condição sanitária à área de trabalho em apreço, verificou-se a presença de alguns pinheiros com sintomas indicativos da presença do NMP. Foram ainda observados alguns focos de ataque de processionária do pinheiro (*Thaumetopoea pityocampa*)

2.6 – Incêndios Florestais, cheias e outros riscos naturais

Os incêndios florestais têm sido fenómeno recorrente nos últimos tempos. Segundo a cartografia nacional de áreas ardidas dos anos 1990 a 2017 (Anexo III), disponibilizada pelo ICNF, registaram-se as seguintes ocorrências:

Ano	Área ardida (ha)
1978	215,06
1979	1 183,11
1982	35,89
1983	78,05
1985	277,33
1991	1 445,66
1995	13,58
2006	15,28
2009	170,74
2011	143,00
2013	4,62
2016	154,81
2017	555,05
Total	4 292,16

Tabela 2 – Ocorrências de Incêndios Florestais

No que respeita ao risco de incêndio (Anexo IV), mais de 50% da unidade de gestão enquadra-se nas classes “Máximo” e “Muito Elevado”.

De acordo com a Carta de Perigosidade de Incêndio (Anexo V), a área do PGF apresenta o seguinte perigo de incêndio:

Classe	Perigosidade de Incêndio (%)
Muito Baixa	8
Baixa	33
Média	27
Alta	15
Muito Alta	16

Tabela 3 – Perigosidade de incêndio

De acordo com a caracterização da perigosidade de incêndio florestal do Município de Figueiró dos Vinhos definida no seu Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios, 31% da área do baldio de Alge apresenta perigosidade “Alta” e “Muito Alta”.

3 – Regimes legais específicos

3.1 – Condicionantes e restrições de utilidade pública

Condicionantes	Sim	Não	Superfície (ha e %)	Descrição das condicionantes
REN	X		1104,72 ha (72 %)	Os eventuais condicionalismos da REN estão presentes em 69,69% da área submetida ao PGF.
Regime Florestal	X		1327,13 ha (86 %)	O baldio da freguesia de Alge enquadra-se a três perímetros florestais (PF): • PF Castanheira de Pêra (568,71 ha) • PF Alge e PF Penela (665,14 ha) • PF Serra da Lousã (93,27 ha) As intervenções que ocorram nestas áreas serão previamente comunicadas ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.
Zona Especial de Conservação - Serra da Lousã)	X		1284,36 ha (84 %)	A Zona Especial de Conservação da Serra da Lousã é definida pela Diretiva Habitats, tendo como objetivo contribuir para assegurar a conservação dos habitats naturais e de espécies da flora e da fauna selvagens.
Sítio de Importância Comunitária	X		1294,26 ha (84 %)	Sítio de Importância Comunitária da Serra da Lousã (PTCON0060), classificado pela Resolução do Conselho de Ministro n.º 76/00 de 5 de julho.
Rede Natura 2000	X		1011,92 ha (66 %)	O Plano sectorial da Rede Natura 2000, é o instrumento de gestão territorial para a conservação da diversidade biológica.
Linhas de Transporte de Energia	X		16,16 ha (1 %)	O baldio é interetado por linhas de transporte de energia, geridas pela EDP e gestores dos parques eólicos. A execução das faixas de gestão de combustível, associadas a estas infraestruturas, é da responsabilidade das suas entidades gestoras.
Marcos Geodésicos	X			Marco geodésico Relva de Tábuas (cota 940).
Aerogeradores	X			Existem 14 aerogeradores implantados na área do baldio. Num raio de 50m em relação ao eixo da máquina, caso necessário, apenas haverá intervenção ao nível da gestão de combustíveis.
Antena de Telecomunicação	X			Na área de baldio, encontra-se instaladas duas antenas de telecomunicação.
Área Ardida	X		709,85 ha (46 %)	O baldio foi afetado pela ocorrência de vários incêndios (Anexo III). As ocorrências mais recentes (2016 e 2017) totalizaram 427 ha área ardida.
Zona de Intervenção Florestal	X		194,00 ha (13 %)	A área do baldio encontra-se parcialmente sobreposto à ZIF de Campelo, pelo que, esta área fica condicionada ao instrumento de gestão florestal.

Tabela 4 – Condicionantes e restrições de utilidade pública (Anexo VI)

3.2 – Instrumentos de planeamento florestal

A unidade de baldio enquadra-se geograficamente no PROF Centro Litoral, sub-regiões homogéneas “Lousã e Açor” e “Floresta da Beira Serra” (Anexo VII).

A elaboração do PGF, terá por base as diretrizes definidas no PROF por forma a tirar partido de algumas das potencialidades definidas para esta região.

O Plano de Setorial da Rede Natura 2000, estabelecido para o sítio “Serra da Lousã” (PTCON0060), serviu de referência na definição das orientações de gestão

direcionadas aos valores naturais, em especial, para silvicultura e ecossistemas ripícolas. Assim, destacamos os principais eixos estratégicos:

- Conservar/ recuperar os povoamentos florestais autóctones;
- Promover regeneração natural;
- Promover áreas de matagal mediterrâneo;
- Conservar/ recuperar a vegetação ribeirinha autóctone;
- Condicionar intervenções nas margens e leito das linhas de água.

O Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios do Município de Figueiró dos Vinhos, foi outro dos documentos que serviu de suporte às orientações de planeamento florestal da unidade de baldio. Tendo em conta os objetivos deste plano, destacamos as metas a seguir:

- Diminuir a ocorrência de incêndios;
- Melhorar o ataque e combate aos incêndios;
- Promover ações de redução da carga de combustível.

Outro dos instrumentos de apoio à gestão florestal desta unidade de gestão, será o PGF da Zona de Intervenção Florestal de Campelo (ZIF n.º 124, processo n.º 127/07-AFN). Neste sentido, cerca 194 há de área comunitária enquadrada nos limite territorial da ZIF, deve cumprir as orientações de gestão silvícola estabelecidas no seu PGF.

3.3 – Instrumentos de gestão territorial

Ao nível da gestão territorial a área insere-se no Plano Diretor Municipal de Figueiró dos Vinhos, no qual são definidas as metas a alcançar pelo município nos domínios do desenvolvimento económico e social nas suas relações com o ordenamento do território. De acordo com o PDM, todas as ações a realizar na sua área de abrangência, devem respeitar as condicionantes impostas pela Reserva Ecológica Nacional.

3.4 – Outro ónus relevantes para a gestão

3.4.1 – Regime cinegético

O baldio de Alge, encontra-se integrado em duas zonas de caça:

- Zona de Caça Nacional da Serra da Lousã (Processo n.º 6990 – ICNF), criada pela Portaria n.º 450/2005 de 29 de abril, com a área atual de 10 851 ha.
- Zona de Caça Municipal de Figueiró dos Vinhos (Processo n.º 3892-AFN), criada pela Portaria n.º 1385/2004 de 8 de novembro, com a área atual de 9 343 ha.

A gestão da ZCN da Serra da Lousã é da responsabilidade da Agência para o Desenvolvimento da Serra da Lousã, enquanto que a gestão da ZCM de Figueiró dos Vinhos é da responsabilidade do município local.

Todas as ações silvícolas estabelecidas no presente documento, visam contribuir para introduzir uma melhoria ao nível dos habitats existentes e, se possível recriar outros sempre que se justifique.

De referir, ainda contratos celebrados com entidades de gestão de telecomunicação pela instalação de antenas e com empresas de exploração de energias renováveis.

3.4.2 – Contratos de arrendamento

No que respeita a contratos de arrendamento, a unidade de baldio de Alge tem contrato celebrado com a EDP Renováveis, pela instalação de aerogeradores e com uma emissora de rádio pela instalação de antena de transmissão.

4 – Caracterização dos recursos

4.1 – Infraestruturas florestais

4.1.1 – Rede viária florestal e aceiros

Tal como representado na carta de infraestruturas (Anexo VIII), a rede viária florestal é composta por caminhos florestais (69,44 km), estradão (10,02 km) e aceiros (4,61 km), e cerca de 1 km de estradas asfaltada, servindo para circulação, durante todo o ano, dos veículos utilizados nas operações de gestão e outros veículos e para compartimentação florestal.

A existência desta rede de vias, sempre que estejam em bom estado de conservação, permitem uma melhor acessibilidade às áreas baldias, bem como uma resposta mais rápida e eficiente dos meios de combate aos incêndios florestais.

À data de elaboração do PGF, grande parte das infraestruturas viárias encontra-se transitável, no entanto considera-se necessário projetar ações de manutenção destas infraestruturas, que, desde que continuamente acompanhadas, consegue-se assegurar

da sua conservação.

4.1.2 – Infraestruturas de Defesa da Floresta Contra Incêndios (DFCI)

No que respeita, infraestruturas de DFCI, o baldio está servido por uma vasta rede de infraestruturas de gestão de combustível, que se apresenta no quadro abaixo e no Anexo IX.

Infraestruturas	Ações	Área (ha)
Rede Primária de Faixa de Gestão de Combustível	Gestão de combustível a executar pelo ICNF.	354,82
Rede Secundária de Faixa de Gestão de Combustível	Rede Viária Florestal - Intervenção faixa lateral com a largura mínima de 10 m para cada lado da rede.	6,91
	Linha Elétrica Média Tensão - Intervenção faixa lateral com a largura mínima de 7,5 m para cada lado da projeção vertical da linha. Linha Elétrica Muito Alta Tensão - Intervenção faixa lateral com a largura mínima de 22,5 m para cada lado da projeção vertical da linha.	6,21
	Aglomerados populacionais - Intervenção numa faixa exterior de proteção de largura mínima não inferior a 100 m.	1,93
Mosaico de Parcelas de Gestão de Combustível	Parcelas nas quais, através de intervenções silvícolas, se procede gestão dos diversos estratos de combustível e à diversificação da estrutura e composição das formações vegetais.	79,15
Pontos de água	Existem dois pontos de água, uma charca e um tanque.	

Tabela 5 – Infraestruturas de defesa da floresta contra incêndios

4.1.3 – Infraestruturas de apoio ao recreio e turismo

Na unidade de baldio de Alge, não existe qualquer tipo de infraestrutura de apoio a atividades de lazer.

4.2 – Caracterização socioeconómica da propriedade

Este ponto, visa desenvolver uma análise relativa aos bens e serviços oferecidos pelos espaços florestais da unidade de baldio, à luz das funções e sub-funções estabelecidas para as sub-regiões homogéneas em causa. Na tabela abaixo, apresenta-se as funções principais e subfunções definidas para a área de trabalho:

Função Principal	Subfunções	Bens e serviços
Produção	Produção de madeira	Produção de toros, rolaria.
	Produção de cortiça	Produção de cortiça.
Proteção	Proteção da rede hidrográfica	Proteção das margens, manutenção da qualidade de água, etc.
	Proteção contra incêndios	Faixas de gestão de combustível, faixas de alta densidade.
Silvopastorícia e caça	Suporte à caça e conservação das espécies cinegéticas	Enquadramento da atividade cinegética, produção de carne, etc.
	Suporte à apicultura	Produção de mel e outros produtos apícolas.

Tabela 6 – Funções principais e subfunções

4.2.1 – Produção

O território florestal do baldio de Alge, de um modo geral, apresenta potencial para produção lenhosa. No entanto, tendo em conta as funções que se desenvolvem paralelamente à produção e a orografia do terreno, o desenvolvimento destas potencialidades deve acontecer com base nas condições edáficas locais, ou seja, adequadas aos declives, tipo de solo e outros elementos presentes.

De acordo com as subfunções a desenvolver, salienta-se alguns princípios de gestão silvícola a seguir por forma a potenciar as diversas áreas de produção:

- Produção de Madeira
 - Instalação de povoamentos florestais utilizando plantas/ sementes certificadas;
 - Condução e gestão dos povoamentos florestais, aplicando modelos de silvicultura ajustados a espécie;
 - Execução de podas e desramações pouco intensas;
 - Monitorizações frequentes para identificação precoce de pragas e doenças;
 - Pela presença espécies cinegéticas, sempre que se justifique, promover o controlo do efetivo de forma a minimizar danos ao nível da qualidade dos povoamentos.
- Produção de cortiça
 - A atividade de produção e exploração de cortiça deve seguir a legislação em vigor referente à proteção do sobreiro;
 - Realizar o descortiçamento entre maio e julho, por pessoal qualificado e experiente;
 - As podas devem ser realizadas 3 anos antes ou após o descortiçamento;
 - Evitar mobilização do solo.

4.2.2 – Proteção

A função proteção, atribui relevância aos espaços florestais na manutenção da subfunções de proteção. Para tal, estabelecem-se alguns princípios de proteção a seguir:

- Proteção da rede hidrográfica
 - Manter o leito das linhas de água limpos e desobstruídos;

- As operações de gestão e exploração florestal devem respeitar as margens das linhas de água;
- As intervenções a realizar nas margens das linhas de água devem ser preferencialmente manuais;
- A recuperação das galerias ripícolas deve recorrer a espécies autóctones;
- As intervenções a realizar nas galerias ripícolas deve ocorrer fora do período de nidificação da avifauna e reprodução da ictiofauna autóctone;
- Proteção contra incêndios
 - Manutenção das faixas de gestão de combustível;
 - Criação de mosaicos;

4.2.3 – Silvopastorícia e caça

A atividade da caça, normalmente associada ao turismo, tem tido uma crescente procura, pelo que é imprescindível haver ordenamento cinegético, onde sejam estabelecidas regras a cumprir, para o desenvolvimento sustentável dos ecossistemas. Na área do baldio, a caça assume importância relevante por se enquadrar na Zona de Caça Nacional da Serra da Lousã. Portanto, são definidas algumas normas para alcançar as metas das subfunções estabelecidas:

- Suporte à caça e conservação das espécies cinegéticas
 - Cumprir as normas de gestão cinegética estabelecidas pelo Plano de Ordenamento e Gestão Cinegética da zona de caça, bem como os Planos anuais de Exploração;
 - Promover o equilíbrio entre o efetivo cinegético e os espaços florestais;

4.3 – Evolução histórica da gestão

O baldio de Alge, em 2016 e 2017, foi afetado por incêndios severos que devastaram uma boa parte da sua floresta.

Em resultado destas ocorrências, o quadro comunitário em vigor, PDR2020, lançou uma medida de apoio “8.1.4 - Estabilização de emergência”, à qual os órgãos gestores do baldio apresentaram pedido de apoio com vista a minimizar os prejuízos causados, o qual foi aprovado.

Em 2019, deu-se início à execução do investimento, que constou das seguintes intervenções:

- Recuperação e tratamento de rede viária;

- Recuperação de troços de rede primária;
- Recuperação de pontos de água;
- Aquisição ou corte e processamento de resíduos orgânicos/ florestais;
- Instalação de barreiras de resíduos florestais;
- Tratamento de linhas de água;
- Aproveitamento de regeneração natural;
- Instalação de espécies vegetais através de sementeira ou plantação;
- Instalação de elementos de descontinuidade – Faixas de arvoredos de alta densidade;

B – Modelo de Exploração

1 – Adequação ao PROF

PROF – Centro Litoral

Sub-Região Homogénea:

- Lousã e Açor
- Floresta da Beira Serra

1.1 – Contribuição para os objetivos gerais do PROF

De acordo com o que está enunciado no Decreto-Lei n.º 205/99, de 9 de Junho, e atendendo aos vários condicionalismos existentes, este Plano de Gestão Florestal (PGF) visa estabelecer normas específicas de intervenção sobre a ocupação e utilização deste espaço florestal, promovendo a produção sustentada de bens e serviços por ele fornecidos, através do(a):

- Melhoramento da gestão silvícola e produtividade dos povoamentos florestais;
- Diminuir a perigosidade de incêndio florestal;
- Contribuir para a conservação da natureza e da biodiversidade;
- Aumentar a superfície média das áreas de gestão florestal;
- Promover sistemas florestais articulados com o ordenamento cinegético e silvopastoril;
- Promover o aproveitamento de outros recursos silvestres, no quadro dos sistemas de exploração florestal;
- Promover a utilização turística dos espaços florestais;
- Melhorar a gestão e aumentar o apoio técnico aos proprietários e gestores florestais, com base no desenvolvimento da extensão florestal.

1.2 – Contribuição para os objetivos específicos da SRH do PROF

De acordo, com as diretrizes definidas em PROF para as sub-regiões homogéneas nas quais se enquadra o baldio de Alge, os espaços florestais devem especialmente contribuir para atingir os seguintes objetivos específicos:

- Selecionar espécies com boa aptidão produtiva e, em igualdade de outros fatores, menos suscetíveis ao fogo;
- Selecionar espécies com boa aptidão produtiva adaptáveis a sistemas de produção conjuntos com caça e silvopastorícia;
- Melhorar a gestão dos povoamentos existentes;
- Aproveitar o potencial da regeneração natural;

- Promover a diversificação de habitats no contexto dos sistemas e espécies a privilegiar;
- Adaptar o regime cinegético e silvopastoril à gestão da carga de combustível;
- Promover objetivos e avaliação da conservação do solo e da água aplicáveis a grandes áreas em gestão conjunta;
- Promover a diversificação de habitats no contexto dos sistemas e espécies a privilegiar;

A gestão da unidade de baldio, para além do seu contributo para os objetivos específicos das sub-regiões homogéneas onde se enquadra, visa atingir as metas traçadas a medio longo prazo, no que respeita às ações de arborização e espaços florestais. Para efeito, é intenção aumentar os espaços florestais de folhosas, onde priorizamos as quercíneas e outras folhosas relevante para a região.

Contribuição para as metas da SRH	Vigência do PGF	
	Início	Final
% de espaços florestais	76,88	87,14
% de arborização	76,88	87,14
% composição florestal		
Pinheiro bravo	38,35	38,35
Pinheiro larício	4,38	4,38
Pseudotsuga	0,39	0,39
Bétula	0,18	0,18
Castanheiro	0,48	0,48
Eucalipto	7,22	7,22
Folhosas diversas/ Resinosas diversas	9,98	9,98
Folhosas diversas	9,86	10,59
Folhosas diversas (GR)	6,13	6,13

Tabela 7 – Contribuição do PGF para as metas da SRH

2 – Caracterização e objetivos da exploração

2.1 – Caracterização dos Recursos

2.2 – Compartimentação da propriedade e delimitação das parcelas

Na área proposta a PGF, e uma vez que a ocupação do solo é pouco diversificada, considerou-se como talhão o limite da área do PGF. Por sua vez, este foi ainda dividido em parcelas, tendo por base a ocupação do solo e as características silvícolas (Anexo X e XI):

Ocupação do Solo	Área	
	ha	%
Floresta	1 165,33	76,88
Matos	311,07	20,52
Área social	1,70	0,11
Águas interiores	0,48	0,03
Infraestruturas viárias	35,78	2,36
Área Agrícola	1,37	0,09
Total	1 515,73	100,00

Tabela 8 – Ocupação do solo

A área florestas da unidade de baldio, é composta maioritariamente por povoamentos de pinheiro bravo, contudo existem em menor expressão, povoamentos de pinheiro larício e pseudotsuga. As folhosas menos representadas, encontram-se pequenas manchas de castanheiro, bétulas e alguns carvalhos, e salgueiros junto às linhas de água.

2.3 – Componente Florestal

2.3.1 – Caracterização das Espécies Florestais, Habitats e Povoamentos

Talhão	Parcela	Descrição das espécies	Composição	Área (ha)	Função desempenhada
A	1	Pinheiro larício	Puro	10,63	Produção
	2	Bétulas sp	Puro	2,80	Proteção
	3	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	21,37	Produção
	4	Salgueiros/ Bétulas	Misto	2,97	Proteção
B	1	Pinheiro larício	Puro	31,43	Produção
	2	Matos		4,58	Produção
	3	Matos		5,65	Proteção
	4	Pseudotsuga	Puro	5,87	Produção
	5	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	57,67	Proteção
	6	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	25,89	Proteção
	7	Pinheiro larício	Puro	4,66	Produção
	8	Pinheiro bravo	Puro	47,23	Produção
	9	Pinheiro larício	Puro	17,98	Produção
	10	Pinheiro bravo	Puro	16,83	Produção
	11	Castanheiro	Puro	2,81	Produção
	12	Matos		31,43	Proteção
	13	Pinheiro bravo	Puro	19,40	Produção
	14	Pinheiro bravo	Puro	27,11	Produção
	15	Castanheiro	Puro	4,46	Produção
	16	Salgueiros/ Bétulas	Misto	23,54	Proteção
	17	Pinheiro bravo	Puro	18,71	Produção
	18	Pinheiro bravo	Puro	72,05	Produção
	19	Pinheiro bravo	Puro	17,91	Produção

Plano de Gestão Florestal – Baldio de Alge

	20	Matos		19,72	Proteção
	21	Pinheiro bravo	Puro	2,17	Produção
	22	Pinheiro bravo	Puro	18,47	Produção
	23	Pinheiro bravo	Puro	43,96	Produção
	24	Matos		45,61	Proteção
	25	Folhosas diversas/ Resinosas diversas		7,04	Produção
	26	Eucalipto	Puro	54,37	Produção
	27	Matos		11,12	Produção
	28	Salgueiros/ Bétulas	Misto	12,40	Proteção
C	1	Matos		2,27	Proteção
D	1	Matos		34,15	Proteção
	2	Pinheiro larício	Puro	1,65	Produção
	3	Matos		49,74	Proteção
	4	Pinheiro bravo	Puro	14,96	Produção
	5	Pinheiro bravo	Puro	36,65	Produção
	6	Pinheiro bravo	Puro	38,63	Produção
	7	Matos		24,27	Proteção
	8	Pinheiro bravo	Puro	49,63	Produção
	9	Pinheiro bravo	Puro	12,44	Produção
	10	Pinheiro bravo	Puro	6,06	Produção
	11	Pinheiro bravo	Puro	47,75	Produção
	12	Salgueiros/ Bétulas	Misto	39,13	Proteção
	13	Matos		15,85	Proteção
	14	Folhosas diversas	Misto	17,23	Produção
	15	Pinheiro bravo	Puro	30,78	Produção
	16	Pinheiro bravo	Puro	19,48	Produção
	17	Folhosas diversas	Misto	40,90	Produção
	18	Eucalipto	Puro	41,42	Produção
	19	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	37,81	Produção

	20	Folhosas diversas	Misto	12,24	Proteção
	21	Folhosas diversas	Misto	29,19	Produção
	22	Folhosas diversas	Misto	49,95	Produção
	23	Pinheiro bravo	Puro	41,09	Produção
	24	Eucalipto	Puro	13,68	Produção
	25	Matos		66,68	Proteção
	26	Salgueiros/ Bétulas	Puro	14,92	Proteção

Tabela 9 – Caracterização florestal das parcelas /Função

2.3.2 – Caracterização de Povoamentos

Talhão	Parcela	Área (ha)	Descrição das espécies	Composição	Regime e Estrutura	Idade	% de coberto	Densidade arv./há	Altura dominante (m)	DAP médio (cm)
A	1	10,63	Pinheiro larício	Puro	Alto fuste regular	35	90	2200	10 - 20	20 - 30
	2	2,80	Bétula sp	Puro	Alto fuste regular	35	100	1800	10 - 20	20 - 30
	3	21,37	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	Alto fuste irregular	Várias	30	1200	10 - 20	20 - 30
	4	2,97	Salgueiros/ Bétulas	Misto	Talhada	Várias	90	1500	0 - 10	10 - 20
B	1	31,43	Pinheiro larício	Puro	Alto fuste regular	35	90	2200	20 - 30	30 - 40
	2	4,58	Matos							
	3	5,65	Matos							
	4	5,87	Pseudotsuga	Puro	Alto fuste regular	35	90	2200	20 - 30	30 - 40
	5	57,67	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	Alto fuste irregular	Várias	40	600	10 - 20	20 - 30
	6	25,89	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	Alto fuste irregular	Várias	10	1800	10 - 20	20 - 30
	7	4,66	Pinheiro larício	Puro	Alto fuste regular	34	90	2000	10 - 20	30 - 40
	8	47,23	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	16	30	500	0 - 10	20 - 30
	9	17,98	Pinheiro larício	Puro	Alto fuste regular	15	80	2200	0 - 10	10 - 20
	10	16,83	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	16	40	800	0 - 10	20 - 30
	11	2,81	Castanheiro	Puro	Toiça	50	100	800	10 - 20	20 - 30

Plano de Gestão Florestal – Baldio de Alge

	12	31,43	Matos							
	13	19,40	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste irregular	31	70	1800	10 - 20	20 - 30
	14	27,11	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	21	90	2500	0 - 10	20 - 30
	15	4,46	Castanheiro	Puro	Toiça	41	20	300	10 - 20	20 - 30
	16	23,54	Salgueiros/ Bétulas	Misto	Talhadia	Várias	90	800	0 - 10	20 - 30
	17	18,71	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	20	3000	0 - 10	0 - 10
	18	72,05	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	20	3000	0 - 10	0 - 10
	19	17,91	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	20	3000	0 - 10	0 - 10
	20	19,72	Matos							
	21	2,17	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	21	80	1600	0 - 10	10 - 20
	22	18,47	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	20	3000	0 - 10	0 - 10
	23	43,96	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	20	3000	0 - 10	0 - 10
	24	45,61	Matos							
	25	7,04	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	Alto fuste irregular	Várias	30	400	0 - 10	10 - 20
	26	54,37	Eucalipto	Puro	Talhadia	Várias	60	1400	0 - 10	10 - 20
	27	11,12	Matos							
	28	12,40	Salgueiros/ Bétulas	Misto	Talhadia	Várias	40	600	0 - 10	0 - 10
C	1	2,27	Matos							
D	1	34,15	Matos							
	2	1,65	Pinheiro larício	Puro	Alto fuste regular	31	90	2200	0 - 10	20 - 30
	3	49,74	Matos							
	4	14,96	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	21	90	2000	0 - 10	0 - 10
	5	36,65	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	41	70	2500	20 - 30	30 - 40
	6	38,63	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste Regular	41	60	900	10-20	20 - 30
	7	24,27	Matos							
	8	49,63	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	31	50	700	10 - 20	30 - 40
	9	12,44	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	7	30	3500	0 - 10	0 - 10
	10	6,06	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	31	60	2500	10 - 20	20 - 30
	11	47,75	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	31	70	900	10 - 20	30 - 40

Plano de Gestão Florestal – Baldio de Alge

	12	39,13	Salgueiros/ Bétulas	Misto	Talhadia	Várias	50	600	0 - 10	0 - 10
	13	15,85	Matos							
	14	17,23	Folhosas diversas	Misto	Alto fuste regular	3	10	625	0 - 10	0 - 10
	15	30,78	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	10	10000	0 - 10	0 - 10
	16	19,48	Pinheiro bravo	Puro	Regeneração natural	4	10	3000	0 - 10	0 - 10
	17	40,90	Folhosas diversas	Misto	Alto fuste regular	3	10	625	0 - 10	0 - 10
	18	41,42	Eucalipto	Puro	Talhadia	Várias	90	1400	0 - 10	10 - 20
	19	37,81	Folhosas diversas/ Resinosas diversas	Misto	Talhadia	Várias	40	900	0 - 10	10 - 20
	20	12,24	Folhosas diversas	Misto	Talhadia	Várias	50	450	10 - 20	20 - 30
	21	29,19	Folhosas diversas	Misto	Alto fuste regular	3	10	625	0 - 10	0 - 10
	22	49,95	Folhosas diversas	Misto	Alto fuste regular	3	10	625	0 - 10	0 - 10
	23	41,09	Pinheiro bravo	Puro	Alto fuste regular	4	10		0 - 10	0 - 10
	24	13,68	Eucalipto	Puro	Talhadia		40	1000	0 - 10	10 - 20
	25	66,68	Matos							
	26	14,92	Salgueiros/ Bétulas	Puro	Talhadia	Várias		400	0 - 10	0 - 10

Tabela 10 – Caracterização dos espaços florestais

2.4 – Componente Silvopastoril

No que respeita à atividade silvopastoril, esta será praticada especialmente nas áreas de matos.

Ter-se-á especial atenção em possíveis zonas de regeneração de folhosas e áreas arborizadas, de modo a evitar a sua destruição pelo pastoreio e pisoteio.

2.5 – Componente cinegética, aquícola e apícola

A unidade de baldio enquadra-se na Zona de Caça Nacional da Lousã, pelo que todas as intervenções relacionadas com a gestão e ordenamento da atividade cinegética são da responsabilidade da entidade gestora.

No que respeita à atividade apícola, na área de trabalhos existe uma variedade considerável de flora melífera (esteva, urze, castanheiro e lavandula).

3 – Organização da gestão e zonamento funcional

Talhão	Parcela	Sub-função/ Objectivos	Tipo de povoamento	Função Principal
A	1	Produção	Puro	
	2	Proteção	Puro	
	3	Produção	Misto	
	4	Proteção	Misto	
B	1	Produção	Puro	
	2	Produção		
	3	Proteção		
	4	Produção	Puro	PD - Povoamento puro de pseudotsuga, objetivo principal produção de lenho
	5	Proteção	Misto	
	6	Proteção	Misto	
	7	Produção	Puro	
	8	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	9	Produção	Puro	
	10	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	11	Produção	Puro	CT3- Povoamento puro de castanheiro em alto fuste para produção de fruto
	12	Proteção		
	13	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	14	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	15	Produção	Puro	CT3-Puro de castanheiro em alto fuste para produção de fruto
	16	Proteção	Misto	
	17	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho

	18	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	19	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	20	Proteção		
	21	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	22	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	23	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	24	Proteção		
	25	Produção		
	26	Produção	Puro	EC1 – Povoamento puro de eucalipto, em talhadia, objetivo principal produção de lenho para trituração
	27	Produção		
	28	Proteção	Misto	
C	1	Proteção		
D	1	Proteção		
	2	Produção	Puro	
	3	Proteção		
	4	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	5	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	6	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	7	Proteção		
	8	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	9	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	10	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	11	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	12	Proteção	Misto	
	13	Proteção		
	14	Produção	Misto	
	15	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	16	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho
	17	Produção	Misto	
	18	Produção	Puro	EC1 – Povoamento puro de eucalipto, em talhadia, objetivo principal produção de lenho para trituração
	19	Produção	Misto	
	20	Proteção	Misto	
	21	Produção	Misto	
	22	Produção	Misto	
	23	Produção	Puro	PB - Povoamento puro de pinheiro-bravo, para produção de lenho

	24	Produção	Puro	EC1 – Povoamento puro de eucalipto, em talhadia, objetivo principal produção de lenho para trituração
	25	Proteção		
	26	Proteção	Puro	

Tabela 11 – Zonamento Funcional

4 – Programas Operacionais

4.1 – Programa de gestão da produção lenhosa

Parelas	Área (ha)	Espécie	Ano	Natureza da Intervenção	Descrição das Operações	Objetivo
TAP1	10,63	Pinheiro larício	2022 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2022	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TAP3	21,37	Folhosas e resinosas diversas	2023 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2023 2035	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP1	31,43	Pinheiro larício	2022 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2022	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP4	5,87	Pseudotsuga	2023 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2023	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP5	57,67	Folhosas e resinosas diversas	2023 2033	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
TBP6	68,91	Folhosas e resinosas diversas	2023 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2023 2035	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP7	4,66	Pinheiro larício	2022 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2022	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP8 TBP10	47,23 16,83	Pinheiro bravo	2025 2038	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2035	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP9	17,98	Pinheiro larício	2025 2038	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2025	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP13	19,40	Pinheiro bravo	2025 2038	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.

TBP11 TBP15	2,81 4,46	Castanheiro	2022 2035	Desbaste	Desbaste seletivo pelo alto misto. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2022	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP17	18,71	Castanheiro	2037	Desbaste	Desbaste seletivo pelo alto misto. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2033	Desramação	Suprimir os ramos de baixo para cima ate 1/3 a 1/2 da altura total da árvore.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP18 TBP23	72,05 43,96	Pinheiro bravo	2029 2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2025	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP22	18,47	Carvalho negral	2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo alto misto. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2028 2033	Desramação	Suprimir os ramos de baixo para cima.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP14 TBP21	27,11 2,17	Pinheiro bravo	2025 2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2025	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP27	11,12	Sobreiro	2035	Desbaste	Retirar árvores defeituosas e as menos vigorosas, para uma redução de densidade de 30%.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores mais promissoras.
			2028 2035	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TBP25	7,04	Folhosas e resinosas diversas	2025 2037	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2025 2037	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP2	1,63	Pinheiro larício	2028 2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2028	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP4	14,96	Pinheiro bravo	2025 2038	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2025	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP5 TDP6	36,65 38,63	Pinheiro bravo	2022 2033	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2022	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP8 TDP11	49,63 47,75	Pinheiro bravo	2025 2038	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2025	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP9	12,44	Pinheiro bravo	2037	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2026 2031	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP10	6,06	Pinheiro bravo	2025 2038	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.

			2025	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP14 TDP15	17,23 30,78	Pinheiro bravo	2029 2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2029	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP16	19,48	Pinheiro bravo	2029 2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2029	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.
TDP17 TDP22 TDP23	40,90 49,95 41,09	Pinheiro bravo	2029 2040	Desbaste	Desbaste seletivo pelo baixo. Operação a realizar quando existe contacto ente copas.	Obtenção de receitas intermédias e seleção de árvores para corte final.
			2029	Desramação	Desramação de árvores com DAP 10-15 cm.	Melhorar a qualidade da madeira.

Tabela 12 – Programa de gestão da produção lenhosa

Conforme identificado no ponto 2.3 “Componente Florestal”, no território do baldio de Alge, existem alguns povoamentos de eucalipto (TBP26, TDP18, TDP19, TDP24).

A gestão silvícola destas áreas segue as orientações técnicas dos responsáveis pela sua gestão e exploração. Importa ainda referir, que as parcelas TDP18, TDP19, TDP24, inserem-se no limite da ZIF de Campelo, pelo que as orientações de gestão, devem cumprir o estabelecido no Plano de Gestão Florestal da ZIF de Campelo.

Estes terrenos foram ocupados nos mandatos dos anteriores órgãos gestores, situação que atualmente se encontra em averiguação e regularização da posse das áreas em causa.

4.2 – Programa de gestão da biodiversidade

O Baldio de Alge, sobrepõe-se quase na sua totalidade no SIC – Serra da Lousã (PTCON0060), numa área de 1 075,29 ha.

Face a este enquadramento, é essencial a elaboração de um programa de gestão da biodiversidade, assim como conhecer os documentos e diplomas legais que regulamentam estas áreas e a partir destes, definir medidas de gestão e intervenções silvícolas, que estejam em consonância com o definido nos instrumentos de gestão territorial em vigor.

Segundo o Plano Setorial da Rede Natura 2000, as orientações de gestão para a Serra da Lousã deverão priorizar a conservação e manutenção das galerias ripícolas, assim como da fauna que aí habita. Deverão ainda ser tomadas medidas que controlem a acessibilidade a estas áreas, bem como das atividades de recreio e lazer que possam ocorrer, com vista a diminuir eventuais ameaças.

Com base nos diplomas em vigor e por forma a garantir a proteção e conservação dos habitats naturais e biodiversidade, foram estabelecidos objetivos específicos como referência no processo de gestão deste baldio:

Instrumentos de Gestão Territorial	Objetivos Específicos
SIC-Serra da Lousã (Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000 de 5 de julho)	• Impedir a instalação de espécies não autóctones e controlar/erradicar as existentes; • Definir normas para controlo do corte e colheita de espécies vegetais; • Recuperar habitats e manter os existentes; • Promover a gestão com recurso a fogo controlado; • Condicionar acesso e movimentação na área; • Manter edificações que possam servir de abrigo;

Tabela 13 – Orientações específicas para a gestão da biodiversidade

Pela diversidade vegetal, apresentam-se os habitats que ocorrem na Serra da Lousã:

Habitats

Charnecas e matos de zonas temperadas

4020 - Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*;
4030 - Charnecas secas europeias (urzais e tojais);

Formações herbáceas naturais e seminaturais

6430 - Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano e alpino;

Habitats rochosos e grutas

8220 - Vertentes siliciosas com vegetação casmofítica;
8230 - Rochas siliciosas com vegetação pioneira da *Sedo-Scleranthion* ou da *Sedo albi-Veronicion dillenii*;

Florestas

91EO - Florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (*Alno-padion*, *Alnio incanaea*, *Salicion albea*);
92A0 - Florestas-galeria de *Salix alba* e *Populus alba*;
9230 - Carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*;
9260 - Florestas de *Castanea sativa*;
9330 - Florestas de *Quercus suber*;

Fauna

Lacerta schreiberi.
Chioglossa lusitanica
Rutilus macrolepidotus.
Callimorpha quadripunctaria.
Euphydrias aurinia.

De seguida faz-se a caracterização dos habitats existentes no território do Baldio de Alge, com identificação das ameaças e objetivos de conservação e gestão, estabelecidos a cada habitat:

4020 - Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*;

Ameaças:

- Sobre-pastoreio;
- Drenagem;
- Queima;

Objetivos de conservação:

- Aumento da área de ocupação;
- Beneficiação do grau de conservação

Orientações de gestão:

- Gestão da atividade antrópica com efeitos negativos no habitat;
- Interdição das áreas de drenagem;
- Controlo das perturbações causadas pelo fogo;
- Ordenamento da actividade pastoril;

4030 - Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais (4030pt3)

Ameaças:

- Plantas invasoras (*Acacia dealbata*, *A. Melanoxylon* e *Hackea sericea*);
- Progressão sucessional;
- Aumento da severidade dos incêndios.

Objetivos de conservação:

- Aceitável a conservação até 50% da área de ocupação, exclusivamente por progressão sucessional;
- Manutenção do grau de conservação

Orientações de gestão:

- Controlo de invasoras;
- Bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível;~
- Manutenção da pastorícia excessiva;

6430 - Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano e alpino;

Ameaças:

- Proteção contra incêndios;
- Pastoreio;
- Incêndios florestais.

Objetivos de conservação:

- Manutenção da área de ocupação;
- Manutenção do grau de conservação.

Orientações de gestão:

- Condicionar as ações de desmatamento;
- Executar medidas preventivas para os incêndios florestais;
- Condicionar o pastoreio na vizinhança deste habitat;
- Sensibilizar os gestores proprietários florestais para a conveniência e necessidade da conservação do habitat;
- Manutenção da pastorícia excessiva.

8220 - Vertentes siliciosas com vegetação casmofítica

Ameaças:

- Destruição direta do habitat, pelas construções, aterros, beneficiação de caminhos, arborização e exploração de inertes;

Objetivos de conservação:

- Manutenção da área de ocupação;
- Manutenção do grau de conservação;

Orientações de gestão:

- Condicionar a alteração do uso do solo;

8230 - Rochas siliciosas com vegetação pioneira da *Sedo-Scleranthion* ou da *Sedo albi-Veronicion dillenii*

Ameaças:

- Destruição direta do habitat, pelas construções, aterros e beneficiação de caminhos;

Objetivos de conservação:

- Manutenção da área de ocupação;
- Manutenção do grau de conservação;

Orientações de gestão:

- Condicionar a alteração do uso do solo;

91E0 - Florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior*

Ameaças:

- Construção de infraestruturas hidráulicas;
- Limpeza exageradas das galerias ripícolas;

Objetivos de conservação:

- Manutenção da área de ocupação;
- Manutenção do grau de conservação, pela recuperação dos amieiros degradados;

Orientações de gestão:

- Condicionar a construção de obras hidráulicas;
- Condicionar a atividade de limpeza das margens das linhas de água;

92A0 - Florestas-galeria de *Salix alba* e *Populus alba*

Ameaças:

- Corte do arvoredo dominante;
- Limpeza mecânica de linhas de água;

Objetivos de conservação:

- Manutenção da área de ocupação;
- Manutenção do grau de conservação;

Orientações de gestão:

- Condicionar o corte de árvores;
- Interditar a limpeza mecânica das linhas de água;

9230 - Carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*

Ameaças:

- Fogo;

- Pastoreio;
- Arborizações no âmbito de programas de apoio comunitário.

Objetivos de conservação:

- Melhorar os sistemas de exploração do carvalhal de produção;
- Desenvolvimento de bosque climático;

Orientações de gestão:

- Recuperar carvalhais degradados;
- Diminuir os riscos de incêndios florestais;

9260 - Florestas de *Castanea sativa*

Ameaças:

- Doença da tinta;
- Cancro do castanheiro;
- Corte;

Objetivos de conservação:

- Melhorar os sistemas de exploração do carvalhal de produção;
- Desenvolvimento de bosque climático;

Orientações de gestão:

- Manutenção e melhoria das áreas de castanheiro atuais;

9330 - Florestas de *Quercus suber*

Ameaças:

- Alteração do uso do solo;
- Incêndios florestais;
- Planeamento florestal desajustado;

Objetivos de conservação:

- Incrementar áreas de sobreiros;
- Melhoria do estado de conservação;

Orientações de gestão:

- Impedir alteração da ocupação do solo;
- Prevenir e reduzir o risco de incêndio florestal
- Promover a instalação deste habitat;

No que respeita à fauna, as principais ameaças surgem da atividade de silvícolas ligada à produção, dos incêndios florestais que causam a destruição e degradação do habitat, do pastoreio excessivo e furtivismo. Com vista a contrariar e amenizar os efeitos das ameaças identificadas, a gestão do território deve prever a sua estruturação e manutenção em mosaicos, compostos por áreas de matos, pastagens e manchas arbóreas. Estas orientações de gestão, visam a criação de condições para a fixação da fauna, pela disponibilização de pontos de alimento e refugio.

Talhão	Parcela	Habitat
A	1	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	3	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
B	3	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	5	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	6	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	8	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	9	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	10	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	11	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	12	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	13	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0/ 9230/ 9330
	14	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	15	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	16	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	17	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	18	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	19	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	20	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	21	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	22	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	23	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	25	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	28	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
C	1	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 91E0/ 9230/ 92A0/ 9260
6	1	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	2	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	3	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	4	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
	5	4020/ 4030/ 6430/ 8220/ 8230/ 91E0/ 92A0/ 9260
	6	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0

7	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
8	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
9	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
10	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
11	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
12	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
13	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
14	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
15	4020/ 4030/ 8220/ 8230/ 92A0
16	4030/ 92A0
17	4030/ 92A0
21	4030/ 92A0
22	4030/ 92A0
26	4020/ 4030/ 6430/ 8220/ 8230/ 91E0/ 92A0

Tabela 14 – Programa de gestão da biodiversidade

4.3 – Programa de Infraestruturas

A rede viária florestal é essencial para o bom desempenho da atividade florestal, pela sua necessidade e facilidade para a circulação dos agentes envolvidos nas ações que ocorrem nos espaços florestais.

Deste modo, a rede viária deve ser alvo beneficiação, de modo a evitar a sua degradação e assim permitir que os veículos de apoio à gestão e proteção, possam deslocar-se de forma segura.

As intervenções de construção e beneficiação de infra estruturas, respeitarão os trâmites legais, isto é, serão solicitados pareceres e autorizações às entidades responsáveis pela gestão e ordenamento das áreas em regime de proteção.

Estima-se intervenções de manutenção de 3 em 3 anos, contudo, tendo em conta o relevo da área e as condições climáticas da região, sempre que ocorram estragos pela erosão, os mesmos serão reparados.

Tipo de Intervenção	Ano	Localização	Observações
Beneficiação de rede viária Florestal	2023	Área do baldio	A intervenção consta do nivelamento da plataforma de circulação da rede viária, com recurso a maquinaria apropriada, com limpeza e beneficiação de valetas e aquedutos, sempre que necessário.
	2026		
	2039		
	2032		
	2035		
	2038		

Tabela 15 – Programa de intervenção em infraestruturas

4.4 – Programa de Operações Silvícolas Mínimas

Parcelas	Ano	Operações	Descrição
----------	-----	-----------	-----------

TA (P1P2P3P4) TB (P1P2P3P4P5P6P7P8P9P13P14P15P18P19P21P22P23P24P26P27) TC P1 TD (P1P2P3P7P8P9P12P14P15P16P17P18P19P20 P22P23P24P26)	2020	Execução das faixas de gestão de combustível, definidas em PMDFCI, para a área do PGF.	Redução e manutenção da carga combustível nas infraestruturas DFCl, com vista a criar descontinuidade horizontal e vertical ao nível do estrato arbóreo e arbustivo.
Toda a área	Anual mente	Prospecção, Monitorização e irradicação	Realização de visitas periódicas aos povoamentos florestais, com vista à avaliação do seu estado sanitário. Estas visitas permitem igualmente a identificação de eventuais constrangimentos que possam ocorrer.

Tabela 16 – Programas de Operações Silvícolas Mínimas

No anexo XII estão representadas as principais ações a realizar durante o 1º quinquénio, para as parcelas definidas em PGF.

C – Calendário de Operações

Talhão n.º A

TAP1 - Pinheiro larício	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea					X				X				X				X			
Desramação		X																		
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste		X													X					
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TAP2 - Bétulas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea					X				X				X				X			
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TAP3 - Folhosas diversas/Resinosas diversas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea			X				X				X				X				X	
Desramação			X												X					
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste			X												X					

TAP4 - Galerias Ripícolas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea	Sempre que justificável, serão realizadas intervenções identificadas por forma a melhorar estas áreas.																			
Podas/ Desramação																				
Desbaste																				
Plantação																				
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Talhão n.º B

TBP1 - Pinheiro larício	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea					X				X				X				X			
Desramação		X																		
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste		X												X						
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP4 - Pseudotsuga	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea							X					X				X				X
Desramação			X																	
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste			X												X					
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP5/ TBP6 - Folhosas diversas/Resinosas diversas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea			X				X				X				X				X	
Desramação			X												X					
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste			X												X					
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP7 - Pinheiro larício	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea					X					X				X				X		
Desramação		X																		
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste		X													X					
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP8/ TBP10 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea								X					X					X		
Desramação					X															
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste					X													X		
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP9- Pinheiro larício	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea																				
Desramação					X															
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste					X													X		
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP13 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea								X					X					X		
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste					X													X		
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP11/ TBP15 - Castanheiro	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea		X				X					X						X			
Desramação		X																		
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste		X													X					

TBP17 - Castanheiro	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Arborização	X																			
Retanchar		X																		
Controlo de vegetação espontânea								X												
Podas de formação							X						X							
Desramação													X							
Monitorização		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste																	X			

TBP19 - Medronheiro	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Arborização	X																			
Retanchar		X																		
Controlo de vegetação espontânea						X					X					X				
Podas						X			X			X			X			X		
Monitorização		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Exploração																				
Colheita de fruto																	X			

TBP22 - Carvalho negral	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Arborização	X																			
Retanchar		X																		
Controlo de vegetação espontânea								X					X							
Podas de formação								X												
Desramação								X					X							X
Monitorização		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste																				X

TBP18/ TBP23- Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Aproveitamento de regeneração natural	X																			
Controlo de vegetação espontânea					X				X							X				
Desramação					X															
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste									X											X
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TBP27 - Sobreiro	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Arborização	X																			
Retanchar		X																		
Controlo de vegetação espontânea								X												
Desramação								X							X					
Desbaste															X					
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

TBP25 - Folhosas diversas/Resinosas diversas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea					X						X						X			
Desramação					X												X			
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste					X												X			

TBP16/ TBP28 - Galerias Ripícolas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea	Sempre que justificável, serão realizadas intervenções identificadas por forma a melhorar estas áreas.																			
Podas/ Desramação																				
Desbaste																				
Plantação																				
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Talhão n.º D

TDP2 - Pinheiro larício	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea								X							X					
Desramação								X												
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste								X												X
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TDP4 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea										X								X		
Desramação					X															
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste					X													X		

TDP5/ TDP6 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea		X						X						X						
Desramação		X																		
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Exploração																				
Desbaste		X											X							

TDP8/ TDP11 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea					X					X								X		
Desramação					X															
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste					X													X		

TDP9 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Aproveitamento da regeneração natural	X																			
Arborização	X																			
Retanchar		X																		
Controlo de vegetação espontânea						X					X									
Desramação											X									
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste																	X			

TDP14/ TDP17 - Folhosas diversas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea				X						X								X		
Desramação						X							X							
Desbaste													X							
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

TDP15TDP21/ TDP22/ TDP23 - Pinheiro bravo	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Aproveitamento de regeneração natural	X																			
Controlo de vegetação espontânea					X				X							X				
Desramação					X															
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração																				
Desbaste									X											X
Medidas de defesa																				
Operações Silvícolas Mínimas (DFCI)	X																			

TDP12/ TDP26 - Galerias Ripícolas	1º Quinquénio					2º Quinquénio					3º Quinquénio					4º Quinquénio				
Condução de povoamentos																				
Controlo de vegetação espontânea	Sempre que justificável, serão realizadas intervenções identificadas por forma a melhorar estas áreas.																			
Podas/ Desramação																				
Desbaste																				
Plantação																				
Monitorização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

D – Anexos